

Vítor Oliveira Jorge
[Coordenador]

CONSERVAR PARA QUÊ?

8ª Mesa-redonda de Primavera

*Realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto
nos dias 26 e 27 de Março de 2004*

PORTO·COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)
2005

NOTÍCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO EM TERRA NOS NOSSOS DIAS. CONTEXTO DO SEU RESSURGIMENTO NO BAIXO ALENTEJO.

Qualidades para o seu uso na conservação do património arqueológico

por

Teresa Beirão*

Resumo: O uso da terra como material de construção, com milénios de existência foi interrompido com a introdução do betão armado na construção civil.

A terra com características argilosas é um material com uma versatilidade incrível, e a taipa um processo construtivo muito simples e fruto do engenho humano.

O conhecimento das técnicas de construção em terra podem ser da maior importância para os arqueólogos, tanto no acto de escavação, como na conservação das estruturas postas a descoberto.

Palavras-chave: Técnicas de construção em terra; arqueologia; conservação.

Abstract: The use of concrete in bundling construction substituted earth as a construction material which was used for millions of years.

Clay as a component makes earth incredibly versatile and "taipa" a very simple constructive process engendered by man's creativity.

The knowledge of earth building techniques are very important to archaeology, both in the excavation process and in the conservation of the uncovered structures.

Key-words: Earth building techniques; archaeology; conservation.

Ressurgimento da construção em terra

O uso da terra como material de construção, com milénios de existência, foi interrompido com a industrialização pela introdução na construção civil do cimento Portland, do betão armado e do tijolo industrial.

* Arquitecta. E-mail: teresa.beirao@sapo.pt

No nosso País e em zonas isoladas do Alentejo e Algarve, o uso da terra perdeu até aos anos 70.

Na Europa, durante o século XIX e XX existiram dois momentos de ressurgimento significativo, fruto da verificação da notável adaptação ao mundo rural que as técnicas de construção em terra apresentam e da necessidade de reedificarão no pós-guerra, onde a terra foi largamente utilizada, principalmente na República Democrática Alemã.

Em meados dos anos 70 é criada a Craterre (Centre Internacional de la Construction en Terre) com origem na Escola de Arquitectura da Universidade de Grenoble, que se tem dedicado de uma forma sistemática ao estudo e à divulgação da construção em terra.

A exposição do Centro Georges Pompidou, organizada pela Craterre e apresentada em Portugal pela Fundação Calouste Gulbênkian em 1993, demonstrou finalmente a importância da construção em terra no mundo, ainda nos dias de hoje.

Construção em terra no Alentejo Litoral

No Baixo Alentejo, incluindo a zona litoral, dado o seu isolamento e a dificuldade de obtenção de novos materiais, ainda se construiu em taipa até bastante tarde, tendo alguns taapeiros conservado os seus utensílios e praticamente toda a população local conservado na sua memória os gestos, os ritmos e as imagens da elevação dos taipais até ao topo das paredes de várias construções existentes.

Num contexto autónomo e isolado no concelho de Odemira, fruto tão só do interesse pela arquitectura rural da região e da técnica de construção em terra mais presente, a taipa, foi em 1993 construído um edifício de arquitectura actual, com base nos conhecimentos teóricos sobre o assunto e com a colaboração de uma equipa de 4 operários orientados por um velho taapeiro.

O projecto de um atelier de pintura e a condução da obra foram da autoria do Arqto Alexandre Bastos junto à sua habitação, numa zona rural da freguesia de S. Luís

Esta iniciativa foi divulgada na imprensa local e foi apresentada na exposição da 7.^a Conferência Internacional sobre o Estudo e a Conservação da Arquitectura em Terra que teve lugar em Silves no mesmo ano.

Foi também apresentado um vídeo sobre a execução das paredes de taipa, que a Craterre desde logo se mostrou interessada em adquirir.

Foi o primeiro passo para o ressurgimento no Litoral Alentejano da construção em taipa, tanto em recuperações como em novas edificações, projectadas por arquitectos, essencialmente arquitectos residentes, e executadas já por empreiteiros que procuraram munir-se tanto dos utensílios e maquinaria apropriados como de operários especializados nesse ofício.

A comunicação apresentada na 8.^a Conferência sobre o Estudo e Conservação da Arquitectura de Terra, que teve lugar em Torquay, Devon, Inglaterra em 2000, teve o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian e representou Portugal no que se refere à actualidade da construção em terra no litoral alentejano, já com inúmeros exemplos de obras executadas.

É evidente que as condições de mercado e de disponibilidade de mão de obra conhecedora da técnica construtiva foi favorável a este ressurgimento que, no entanto, não teria sido possível sem o esforço de divulgação, de promoção e de desmistificação da conotação da construção em terra com as condições de pobreza e precaridade a que tem estado associada.

Utilizar a terra como material de construção

A terra com características argilosas é um material com uma versatilidade incrível, e a taipa um processo construtivo muito simples e fruto do engenho humano.

As novas regras construtivas, o modelo estereotipado da moradia e da construção estão a destruir paulatinamente o nosso património de construção em terra, riquíssimo, e que com a expansão portuguesa dos séculos XV e XVI foi exportada a longínquas paragens, nomeadamente para o Brasil. Este facto é relatado por Orlando Ribeiro no seu livro intitulado *Geografia e Civilização, Temas Portugueses*.

Para vulgarizar a utilização da terra como material de construção existe ainda um longo caminho a percorrer de estudo e de divulgação.

O seu uso depende de um conhecimento prático do tipo de terra indicado, da realização de análises específicas que, devidamente interpretadas, nos permitem otimizar a sua constituição, aumentando a sua capacidade de coesão, consistência e endurecimento.

Trata-se da estabilização da terra por adição de diversos materiais ligantes e/ou inertes como a cal, areia, pó de pedra, gravilha de granulometria variada, material cerâmico triturado, e até cimento nas proporções correctas para o tipo de terra disponível.

O “*Traité de Construction en Terre*”, publicação da CRAterre, apresenta normas e recomendações sobre os processos de estabilização da terra consoante as técnicas construtivas, essencialmente o adobe, o bloco de terra comprimido (BTC) e a taipa.

Em Portugal existem já alguns estudos orientados pelo LNEC, teses de jovens engenheiros e arquitectos, mas terá que se proceder a uma análise e sistematização dos seus resultados e a uma normalização das recomendações para a correcta utilização da terra como material de construção.

Essa tarefa cabe à Associação Centro da Terra, recentemente formada no nosso país com o imprescindível apoio do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, que no seu seio tem equipas a trabalhar sobre esta temática.

Contributos para a conservação

O conhecimento das técnicas de construção em terra pode ser da maior importância para os arqueólogos, tanto no acto de escavação, como no acto de preservação das estruturas postas a descoberto.

No acto de escavação as análises do sítio, do terreno e dos cortes estratigráficos são fundamentais para se equacionar a possibilidade de terem existido estruturas em terra.

A presença de embasamentos de pedra, ou estruturas de pedra de nivelamento contínuo, sistemas de drenagem, mesmo rudimentares, ao nível dos pavimentos podem ser indícios. A coloração e a constituição da terra junto às estruturas postas a descoberto em comparação com o terreno envolvente são também aspectos a analisar.

Em presença de estruturas em terra ainda visíveis, será necessário identificar a técnica (adobe, taipa ou tabique são as mais comuns), analisar o seu estado de conservação, identificar as patologias e a métrica utilizada para equacionar possíveis processos de restauro, sem esquecer a fascinante descoberta do provável cenário de como se realizou tal edificação.

O restauro tem necessariamente que passar por uma fase experimental, para verificação do comportamento da matéria receptora a conservar e da matéria sobre ela aplicada.

A utilização das técnicas de construção em terra em restauro e consolidação de estruturas arqueológicas têm melhor capacidade de resposta ao princípio da superfície de sacrifício que contribui para a conservação daquilo que foi posto a descoberto.

Trata-se de mais um campo em que a interdisciplinaridade é não só necessária e imprescindível mas profundamente enriquecedora.

BIBLIOGRAFIA

- BEIRÃO, TERESA & BASTOS, ALEXANDRE (Terra 2000). 8th International Conference on the study and conservation of earthen architecture – *Continuity of tradition. New earth-building in the southern Alentejo, Portugal* pgs 279 a 282, Ed. James & James (Science Publishers) LTD.
- BULLETIN D'INFORMATIONS ARCHITECTURALES, E.N.S.B.A. (Octobre 1981). Supplement au n.º 61 – *Construire en terre crue dans les pays industrialisés*.
- CRATerre, (1989). *Traité de Construction en Terre*, Ed. Parenthèses.
- QUARESMA, ANTÓNIO MARTINS (31 Dezembro de 1993). *Uma experiência em S. Luís*, Notícias de Odemira, Boletim Municipal n.º 31.
- RIBEIRO, ORLANDO (1979). *Geografia e Civilização, Temas Portugueses*, Ed. Livros Horizonte.
- SINDICATO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES (1961). *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa.



Fig. 1 – Taipal montado numa exposição.

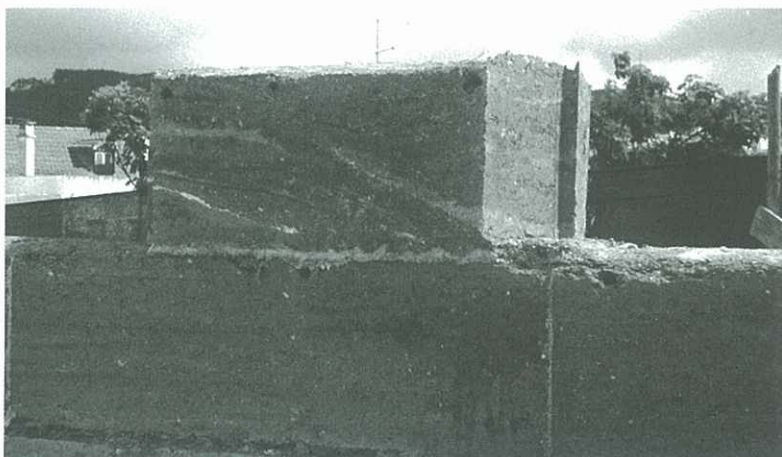


Fig. 2 – Taipa acabada de executar.



Fig. 3 – Habitação recuperada em taipa.



Fig. 4 – Muralhas de taipa do castelo de Paderne.